

Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

Deslocando Olhares

Por uma ação audiovisual para a equidade e diversidade

Por Marcos Antonio Monte Rocha

Resumo

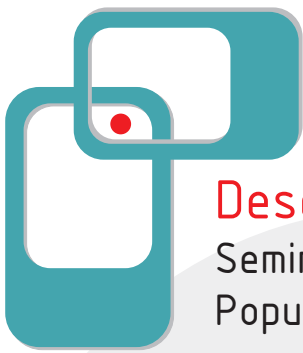
O presente texto traz de modo simples questões e uma apreciação panorâmica sobre cultura, identidade e diferença na pós-modernidade, e suas implicações políticas. Além disso, traz ideia e perspectivas estratégicas em formação, produção, difusão e distribuição cultural e midiática, nos campos do audiovisual e da cultura digital livre, para a equidade e diversidade. Projetos realizados pela Fábrica de Imagens, organização não-governamental de Fortaleza/CE, são descritos e apresentados como ações que integram aspectos culturais, políticos e midiáticos que reforçam a luta por direitos e identidades sem desconsiderar as diferenças.

Palavras-Chave: Cultura – Política – Equidade – Diversidade - Identidade

O convite para participação dessa mesa surgiu de algumas conversas que tive com o organizador do Festival Visões Periféricas, Márcio Blanco. Em tais diálogos eu afirmava a necessidade de se tematizar e discutir de modo mais amplo na programação do Festival e no Fórum de Experiências Populares em Audiovisual - rede da qual fazemos parte - sobre outras periferias para além daquela constituída com base nas assimetrias e desigualdades de classe. Referia-me, por exemplo, às periferias constituídas por questões de gênero, diversidade sexual, geração, étnico raciais, dentre outras.

Ampliar o significado de periferia é reconhecer e dar visibilidade a outras formas de dominação e violência, muitas das quais invisíveis para a maioria. Essas violências de ordem, eminentemente, simbólica contra populações inteiras, vêm causar-lhes danos sociopolíticos, econômicos e culturais que se reproduzem de maneira ora articulada, ora irrefletida pelo conjunto da sociedade de geração a geração.

Toda essa discussão sobre periferia e periferias remete a uma questão conceitual e política da maior importância, a questão da identidade cultural. No entanto, faz-se necessário, destacar aqui, antes de prosseguir, qual dentre as inúmeras conceituações de cultura nos orientará no desenvolvimento deste texto. Entenda-se Cultura como rede de significados na qual sujeitos e grupos transformam (ação histórica, ordem da ação, da produção) e são transformados (estrutura, ordem dos significados estabelecidos num dado contexto, ordem da reprodução), de forma a estabelecer valores, hierarquias, inclusões e exclusões, identidades e diferenças.



Deseducando o olhar

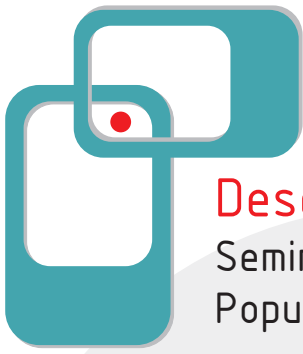
Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

Assim, falar de identidade cultural é falar desse jogo semântico, simbólico, no qual sendo a cultura algo metamórfico, passível a constantes deslocamentos e resignificações, a identidade cultural é, por sua vez, uma ideia que só pode ser concebida a partir de uma perspectiva plural, híbrida e paradoxal, imaginando-se processos infinitos de identificações e diferenciações que apenas numa olhada temporalmente curta, geográfica e socialmente limitada aparentam uma certa constância e permanência. Ou seja, entender as identidades como estruturas abertas, descentradas, “...como um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto e não uma essência ou substância” como afirma Stuart Hall (1999). A visão de identidade autocentrada, coerente, unívoca e completa oriunda da noção de sujeito criada pelo Iluminismo é uma visão insustentável no momento histórico atual denominado por uns, como modernidade tardia, por outros, como pós-modernidade. Isso não quer dizer, no entanto, reitero, que o conceito de identidade ou, mais especificamente, que a identidade cultural não tenha mais sentido ou necessidade. Afirmo que ela continua sendo uma categoria importantíssima, sobretudo politicamente, com a perspectiva de garantir os direitos numa sociedade que discrimina - violenta e mata- mulheres, gays, lésbicas, negros e negras, idosos e idosas, entre outras populações.

Ainda nesse contexto, o entendimento de cultura aponta para uma compreensão muito mais ampla do que o conjunto de linguagens e expressões artísticas, tradições, costumes, memória ou patrimônio. Cultura é o que confere o sentido e o lugar de tudo isso no campo social. Todavia é pertinente afirmar que a criação artística é um campo fértil para reinterpretações culturais, a fim de operar deslocamentos de significado e reestruturação de valores, hierarquias, prioridades, inclusões e exclusões sociais e políticas. Dessa maneira, divisa-se o audiovisual na nossa sociedade pós-moderna ou tardia, como uma ferramenta importante para se pensar deslocamentos de perspectivas, invenção de outros olhares e desenvolvimento de práticas socioculturais suficientemente poderosas para mudar a cara de uma comunidade, de uma cidade ou de um país. Fala-se aqui de uma formação, produção, difusão e distribuição de bens e serviços audiovisuais consequentes politicamente e comprometidos com a equidade, com a diversidade, com a democracia e com a justiça social.

De modo prático, essas ideias, aqui brevemente delineadas, norteiam as ações desenvolvidas pela Fábrica de Imagens e é sobre esta prática e suas interfaces com a esfera mais teórico-conceitual que comentaremos um pouco a seguir.

Embora o nome da organização sugira uma atuação no campo das imagens, tanto que sempre recebemos telefonemas nos solicitando desde orçamentos para cobertura de casamentos até orçamentos para a confecção de santos em gesso e afins, a Fábrica de Imagens é criada em 1998 com o propósito de promover a equidade de gênero entre jovens



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

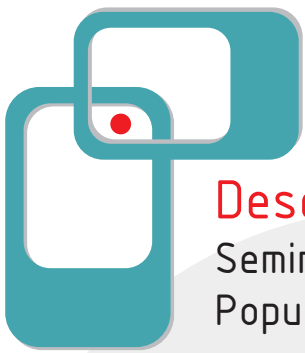
e adultos de Fortaleza. Aqui as imagens têm, na verdade, um sentido metafórico no sentido de criação de outro imaginário, de outras possibilidades performáticas de relação entre os gêneros dentro de parâmetros de equidade e diversidade.

A origem da Fábrica de Imagens remonta a 1994 quando um grupo de pesquisadores iniciou a realização de um projeto intitulado “A Face Masculina do Planejamento Familiar”. Este projeto pesquisou o nível de inserção de homens trabalhadores da construção civil de Fortaleza nas questões relativas ao planejamento familiar, englobando aí questões de saúde e direitos reprodutivos, sexualidade, atuação dos homens na vida privada, educação, relacionamentos, dentre outros. A pesquisa se desdobrou ainda numa intervenção dentro de um modelo de grupos socioeducativos que se desenvolviam nas próprias obras onde se realizou a pesquisa. A Fábrica de Imagens surge ao final desse processo no início de 1998 tendo como objetivo principal, atuar pela equidade de gênero e pela maior inserção das mulheres nas esferas sociopolítica e econômica. .

Ora, a preocupação da Fábrica de Imagens sempre foi a de mexer com o universo cultural das pessoas que conseguíamos atingir em nossas intervenções, além de promover o surgimento de olhares diferenciados, de questionar, por conseguinte os padrões cristalizados do que é ser homem e do que é ser mulher, construídos socialmente numa perspectiva sexista, machista e heterocêntrica, que cria sim um jogo de identidades e representações que fixam lugares e possibilidades, pontos de partida, processos e pontos de chegada. Sendo todos esses definidos pelo poder. Entender relações de gênero, o jogo das identidades ou qualquer relação humana sem compreender a dinâmica do poder, é não entender relações de gênero nem como as identidades são construídas e reconstruídas no cotidiano.

Num primeiro momento, que durou aproximadamente quatro anos, nossas ações se circunscreveram a realização de capacitações profissionais para jovens com foco em gênero e cidadania, capacitações profissionais específicas para mulheres, ações educativas em saúde e direitos reprodutivos e ações de formação de lideranças femininas. Todas as ações desenvolvidas de modo presencial, com um caráter político forte, com foco na informação e numa apreciação dos temas abordados quase que, eminentemente, cognitiva.

A partir de 2002 a Fábrica de Imagens começa sentir que esse modelo, embora tenha seus méritos, mostrava-se limitado para o que realmente desejávamos mexer, deslocar, por em cheque todo um universo cultural que na realidade cearense mata em média mais de uma centena de mulheres anualmente. Mesmo com a Lei Maria da Penha houve um acréscimo de 31,5% no número de mulheres assassinadas no Ceará tendo por base os cinco primeiros meses de 2008 e 2009, sendo que 90% dos crimes foram realizados por motivos



Deseducando o olhar

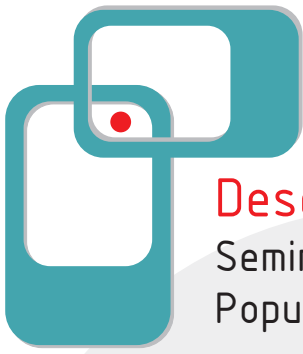
Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

passionais. Esses dados não podem ser lidos apenas com dados de segurança pública, eles precisam ser lidos como que a partir das lentes de um antropólogo, buscando o sentido dessa persistente violência contra as mulheres, identificando aspectos culturais que reforçam e legitimam a violência masculina, interpretando a construção social de homens e mulheres tendo por base as representações e os símbolos do que é “próprio” do universo masculino e do que é “próprio” do universo feminino.

A limitação do modelo inicial de intervenção da Fábrica de Imagens (muito centrado na cognição e desenvolvido em processos de informação e capacitação) e a constatação de que leis, isoladamente, não são suficientes para garantir mudanças significativas e sustentáveis no tecido social e nas relações que se engendram nesse tecido, levaram a organização à criação e ao amadurecimento de um modelo de intervenção que conjuga ações nos campos da cultura (lembrando sempre que cultura aqui tem um sentido antropológico e não se restringe ao universo das linguagens e expressões artísticas), da comunicação (entendida como qualquer ato de comunicar bem em grande mídia, em mídias alternativas ou na relação mais elementar de pessoa a pessoa pela fala) e da política (no sentido dado a este termo por Hanna Arendt, do fazer política para o bem coletivo, como ferramenta básica para a consecução desse bem) sem dissociação. Toda ação da Fábrica de Imagens é uma ação política, que busca de algum modo promover uma cultura de equidade e diversidade e se preocupa com sua difusão de modo amplo e qualificado.

O audiovisual e, posteriormente, a cultura digital livre foram e são os meios que a Fábrica de Imagens vem se utilizando para contribuir com aquela mudança que é a mais primordial e que se precisa operar em uma nação que se diz democrática. Por conta disso necessita garantir todos os direitos e pontos de partida iguais para homens e mulheres indistintamente e sem diferenciação – por motivos de idade, orientação sexual, étnico-raciais ou quaisquer outros. A mudança a qual me refiro é a de ordem cultural. Para tanto a Fábrica de Imagens desenvolve uma série de programas e projetos de formação, produção, difusão e distribuição de produtos e serviços sem deixar de participar das principais redes e Fóruns que tematizam no estado do Ceará as questões de gênero, e diversidade sexual na juventude.

O Projeto Outros Olhares – equidade e diversidade; o Curta o Gênero - festival, mostras e seminários itinerantes para a equidade; e o programa de TV Perspectivas são três exemplos de projetos realizados pela Fábrica de Imagens e que transitam pela formação, pela produção, pela difusão e distribuição cultural que promovem a inclusão política, como forma de poder, dos que participam das suas implementações, e que comunicam mensagens inequívocas seja pela apresentação estética, seja pela denúncia, seja por proposições no sentido da defesa incondicional da diferença como direito dos indivíduos e



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

das populações, e, também, da igualdade como condição a ser garantida pelo Estado e pelo conjunto da sociedade a todos e a todas.

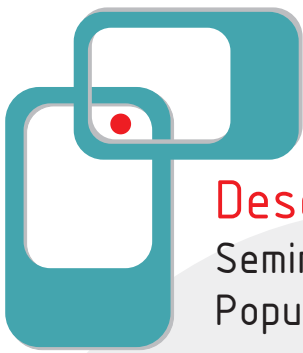
O Programa de TV Perspectivas aborda temas sociais relevantes política e culturalmente para os movimentos sociais organizados a partir da participação de uma multiplicidade de atores e da apresentação de formas variadas de abordagem estético-conceituais, constituindo um mosaico temático marcado pela sensibilidade e pelo compromisso político com a democracia, a equidade e a diversidade. É realizado pelos jovens oriundos dos nossos processos formativos e se caracteriza também por se articular com um amplo leque de colaboradores tanto entre organizações não- governamentais quanto em movimentos sociais não institucionalizados, quanto entre muitos setores dos poderes públicos.

O Curta o Gênero visa difundir através de ações no campo audiovisual, festival e mostras itinerantes, seminários, palestras e oficinas com foco nas relações de gênero e sociedade, outras perspectivas interpretativas e performáticas de relacionamento entre os gêneros definidas por uma cultura da equidade e do respeito e valorização da diversidade. O projeto, em fase de captação, desenvolverá ações em 14 cidades do interior do Estado, além de Fortaleza, atuará em parceria com ONGs locais, realizará atividades em escolas públicas e uma ação de *advocacy* pró-equidade e diversidade com o legislativo de cada município.

O Outros Olhares – equidade e diversidade é um projeto de envolve formação, produção, difusão e distribuição de bens e serviços culturais e midiáticos pró-equidade e pró-diversidade destinado a jovens de escolas públicas e comunidades. Através desse Projeto, além da formação, vídeos socioeducativos são produzidos, difundidos em escolas públicas e comunidades e distribuídos para outras organizações governamentais e não-governamentais; sites são desenvolvidos gratuitamente para ONG e movimentos, contribuindo para o estreitamento de parcerias e o fortalecimento institucional dos parceiros; e jovens são formados para a participação política atuando em redes, fóruns e conselhos locais. O Outros Olhares é, portanto, um espaço acima de tudo, de efervescência, de irradiação para uma revolução cultural e política.

Além dessas três ações aqui destacadas, várias outras atualmente são desenvolvidas e as pontuo agora: realização de séries de vídeos socioeducativos, produção e distribuição do informativo impresso Outros Olhares, veiculação do informativo eletrônico Fábrica de Imagens, realização de sessões cineclubistas, realização do projeto Conversa de Homem, manutenção do site institucional da Fábrica de Imagens e em breve o lançamento do site Imagens Afins – masculinidades e paternidade.

Diante do exposto sobre nossas ideias e ações, cabe discutir um último ponto ou



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

pelo menos lançar alguns questionamentos. Quais as vantagens e desvantagens de se trabalhar com o conceito de identidade ou identidade cultural? O que constituiria a identidade das mulheres, dos negros, dos gays? Faz sentido se falar de uma identidade cultural brasileira ou nordestina? Numa sociedade em que para alguns autores e autoras os indivíduos transitam socialmente de modo performático, de acordo com as situações, faz sentido se falar de identidades? E se não se fala mais em identidades, se não temos mais como referência, pelo menos, um conjunto de parâmetros que nos sirva de base, o que nos resta? O que fica no lugar? Algo precisa ficar no lugar?

De modo sucinto, diria que mesmo havendo concordância com todos os postulados pós-modernos de descentração e fragmentação das identidades, desde as nacionais até a identidade dos movimentos de mulheres, por exemplo, a noção de identidade ainda é fundamental no campo da luta por direitos e no campo da luta por políticas públicas. Embora existam diferenças abismais entre uma mulher paulista, jovem, branca, escolarizada de classe média; outra negra, do sertão de alagoas, analfabeta e com meia dúzia de filhos e filhas; e, ainda, outra, prostituta, envolvida nos esquemas de turismo sexual de alguma cidade do litoral brasileiro; a questão da violência de gênero, por exemplo, em graus diferenciados é verdade, as atinge pois a violência de gênero está presente em cada canto desse país. A questão então se põe da seguinte maneira: reconhecendo a diferença, reconhecer também os interstícios, as interseções, os pontos convergentes que apontam sim para um elemento que as identifica, que cria entre elas uma identidade, uma solidariedade e que possibilita, por conseguinte, alianças para a luta democrática pelos direitos.

A Fábrica de Imagens acredita nessas alianças e em ações que não dissociem política e cultura, que potencializem as identidades coletivas sem generalizações e sem o apagamento das diferenças, e em estratégias de produção e disseminação, sobretudo nos campos do audiovisual e da cultura digital livre, que difundam boas práticas para a constituição de uma sociedade melhor.

Minicurrículo

Marcos Antonio Monte Rocha
Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará
Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará em gênero e masculinidades
Coordenador do Projeto Devir – Clínica Social em Psicologia
Presidente da Fábrica de Imagens – ações educativas em cidadania e gênero
Coordenador do Programa de Gênero e Diversidade da Fábrica de Imagens
Coordenador do Projeto Conversa de Homem – gênero, masculinidades e paternidade
Coordenador do Núcleo de Realização Audiovisual e do Programa Perspectivas